

# Precisão preditiva das novas formas de sexismo a partir das orientações valorativas em brasileiros

Nilton Soares Formiga

*Universidade Federal da Paraíba  
João Pessoa, PB, Brasil*

Alzira Barros da Silva Neta

*Universidade Estadual da Paraíba  
Campina Grande, PB, Brasil*

---

## RESUMO

Os valores humanos têm revelado seguras explicações quanto a manifestação e manutenção dos fenômenos psicossociais, principalmente, a respeito do preconceito feminino. Tal fato se deve por que o construto dos valores é capaz de orientar escolhas, atitudes, avaliação comportamental e situações sociais nas relações interpessoais. Com isso, é bem possível que exista uma base normativa que guie as atitudes e comportamentos preconceituosos frente às mulheres. Amostras com sujeitos entre 18 a 56 anos de idade e ambos os sexos, da cidade de João Pessoa (Brasil) compuseram o estudo. Responderam o inventário de sexismo ambivalente, valores humanos e dados sociodemográficos. Os resultados se revelaram bem semelhante aos encontrados em estudos anteriores, bem como, na sequência das amostras: tendo o critério de orientação valorativa pessoal explicando o sexismo hostil e benévolo, e o social, apenas com o benévolo.

**Palavras-chave:** Preconceito; valores humanos; sexismo ambivalente.

## ABSTRACT

*Prediction accuracy in the new forms of sexism based of the human values orientation in brazilian*

The human values have disclosed to safe explanations how much the manifestation and maintenance of this psicossocial problem, mainly, about the feminine prejudice. Such fact if must for being this construct able guiding choices, attitudes, behavior assessment and social situations. It is well possible that exists a normative base that guides the attitudes and behaviors against the women. Samples composed this study, citizens with age between 18 and 56 years of both the gender, of the cities of João Pessoa (Brazil) having as respondent of the inventory of ambivalent sexism, human values and partner-demographic data. The results have proved well similar to those found in previous studies and, in the sequence of the samples: the criterion of personal values of orientation explained the hostile sexism and benevolent, and the social one, only with benevolent.

**Keywords:** Prejudice; human values; ambivalent sexism.

## RESUMEN

*Exactitud de predicción de las nuevas formas de sexismo a partir de las orientaciones de valoración en brasileños*

Los valores humanos han demostrado una explicación cuanto a la manifestación y el mantenimiento de los fenómenos psicossociales, principalmente sobre el prejuicio femenino. Esto es debido a la construcción de los valores ser capaz de orientar las decisiones en las actitudes, la evaluación del comportamiento y las situaciones sociales en las relaciones interpersonales. Por lo tanto, es muy posible que exista una base normativa para orientar las actitudes y comportamientos de prejuicios contra las mujeres. Las muestras con la gente que van desde 18 hasta 56 años de edad y de ambos los sexos, en la ciudad de João Pessoa (Brasil), formó el estudio. Dijeron al inventario de sexismo ambivalente, los valores humanos y de datos socio-demográficos. Los resultados fueron muy similares a los encontrados en estudios previos, así como la secuencia de las muestras: tomar la señal para la valoración personal de sexismo hostil y benévolo de explicar, y social, solamente con los benévolos.

**Palabras clave:** Prejuicio; valores humanos; sexismo ambivalente.

---

## INTRODUÇÃO

Com o avanço social e profissional que as mulheres atingiram na sociedade contemporânea é possível observar a existência de mudanças quanto aos direitos

e deveres que elas vêm exigindo quanto à valorização e igualdade de tratamento que se tem mostrado nos mais diversos espaços sociais e humanos. Será isso verdade?! Ao refletir melhor, essas mudanças parecem não revelar de maneira concreta a condição dessa

valorização; pelo contrário, é bem possível que esta condição faça parte de um viés de atribuição frente às formas do preconceito, principalmente, em relação às novas maneira de discriminação feminina.

Em uma análise mais aprofundada é possível perceber que esse problema não tem acabado como se vem pensando, mas, apresentando uma diminuição quanto à manifestação discriminatória direta, manifestando, assim, outros novos esquemas mentais na forma do discriminar, salientando atitudes preconceituosas numa versão sutil ou camuflada (Formiga, 2004; Pettigrew e Meertens, 1995; Swim, Aikin, Hall e Hunter, 1995; Torres, 1998; Tougas, Brown, Beaton e Joly, 1995). Permeado por uma saliência sociocognitiva, esse fenômeno discriminatório concreto, geralmente, passa despercebido, justificando apenas como um exagero retórico de quem percebe.

Esse fato é capaz de promover uma dicotomia entre o pensar e fazer (Monte e Formiga, 2000) do sujeito em relação à concordância ou não da expressão aberta do preconceito, revelando uma manutenção discreta que alude à desejabilidade social (Torres, 1998) do comportamento e atitude preconceituosa deflagrando práticas discriminatórias ‘politicamente corretas’ (Tougas, Brown, Beaton e Joly, 1995) em relação às mulheres.

Apesar de muito se ter escrito sobre preconceito e suas diversas perspectivas teóricas a fim de compreender um fenômeno tão antigo e complexo, há um consenso entre os pesquisadores de que esta temática se trata de um fenômeno multideterminado e que tem manifestado mudanças no seu modo de expressão no contexto da sociedade contemporânea podendo ser encontrado o emprego de termos teóricos que se opõem ao preconceito tradicional, por exemplo, pode destacar o Racismo Simbólico ou Moderno; Racismo Aversivo; Preconceito Sutil e Racismo Ambivalente (Biernat, Vescio, Theno e Crandall, 1996; Formiga, Vasconcelos, Joca e Saraiva, 2005; Gómez e Huici, 2001; Navas, 1998).

Em relação às mulheres, as formas discriminatórias, hostil e sutil, têm sido atualmente defendidas como sexismo, a qual é compreendida como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (Expósito, Moya e Glick, 1996; Glick e Fiske, 1996; Myers, 1999). Consideradas como ambivalentes, justamente por não serem diretas quando se considera a prática e expressão discriminatória tradicional (ênfatizando inferioridade ou diferença das mulheres como um grupo minoritário e merecedor da condição social em que estão vivendo), as formas discriminatórias são encontradas em duas formas principais de sua manifestação: hostil e benévolo.

A primeira – *a forma sexista hostil* – trata-se de uma expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres, aproximando-se da definição clássica deste atributo psicossocial (Allport, 1994). Este atributo tem sido extensamente tratado (Glick e Fiske, 1996), porém não permite compreender totalmente a direção que toma o sexismo na sociedade atual, justificando a luz da busca de igualdade em direitos e deveres entre os gêneros (Siano, 2000) evidenciando crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, bem como refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão. A segunda – *a forma sexista benévolo* – se constitui a partir das concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, mas ainda permite às pessoas despreverem as mulheres como pessoa frágil, necessitando de atenção, etc.

Com isso, ao partir da organização item-fator das dimensões do sexismo ambivalente, Formiga, Gouveia e Santos (2002) e Glick e Fiske (1996) pressupõem que este fenômeno não ocorre no vazio social e que mesmo a sua nova forma – o sexismo benévolo – só existe porque as pessoas passam a orientar suas condutas nas relações interpessoais a partir de uma base valorativa (Formiga, 2004). Isto é, ao se tomar uma decisão, só a realiza porque se é capaz de priorizar e hierarquizar alguns valores na interdependência social, os quais orientam nossas escolhas, atitudes, avaliam os comportamentos e situações sociais, a partir da importância relativa que cada pessoa dá a um conjunto de valores (Rokeach, 1973; Rokeach, 1979; Schwartz e Bilsky, 1987; Gouveia, 1998) a fim de que a pessoa consiga agir. Assim, com base nos valores, diferenciam-se os eventos entre o que é importante e secundário para uma pessoa, revelando tanto a relação com o comportamento e as opções na vida, quanto a preferência em termos do que tem ou não valor no sentido axiológico (Tamayo, 1988).

Desta maneira, a orientação valorativa é capaz de expressar um forte componente a respeito do que a pessoa quer para si, geralmente, evitando decepcionar-se consigo ou com os outros. Essa condição – a prioridade dos valores entre as pessoas – salienta uma crença duradoura, isto é, uma maneira de se comportar ou um estado final de existência desse comportamento, os quais podem ser preferidos, tanto no âmbito pessoal quanto social (Gusmão, Ribeiro, Gouveia, Nunes Júnior e Queiroga, 2001).

Tomamos como base teórica no presente estudo a crença segundo a qual os valores podem orientar comportamentos e atitudes humanas frente aos fenômenos sociais; bem como, partindo da concepção de que os valores humanos podem ser entendidos como

categorias de orientação que são desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, sendo adotadas por atores sociais. Os valores se apresentam em diferentes magnitudes e seus elementos constitutivos podem variar a partir do contexto social ou cultural no qual a pessoa está inserida (Gouveia, 1998, p. 293), sendo possível sua relação com o preconceito sobre as mulheres, – compreendido como sexismo ambivalente – contribuindo na explicação desse fenômeno tão antigo e que hoje se revela sob nova faceta (por exemplo, as mulheres são legais, esforçadas, livres, conseguem o quer – no trabalho, no social, na relação afetiva – são divertidas, mas também, devem assumir o papel da mãe, amante, compreensivas, tolerantes, serem femininas, etc.) – a forma sutil; já percebeu que qualquer exigência ou investida de uma mulher nas áreas socio-humanas sempre é carregado de olhares desconfiados, cochichos e resmungos, principalmente, por parte dos homens quando elas competem e vencem eles.

É a partir do conceito destacado por Gouveia (1998), centrado na Teoria das Necessidades de Maslow (1954/1970), que se elaborou uma tipologia alternativa dos valores humanos a qual estabelece três suposições fundamentais para a existência dos valores humanos: (1) as necessidades humanas são relativamente universais; (2) elas são neutras ou positivas; e (3) os seres humanos são uma totalidade integrada e organizada. Além da ênfase dada às necessidades humanas, as quais incluem necessidades fisiológicas, de segurança, de amor, de pertença, necessidade cognitiva, estética, de estima e necessidade de autoatualização, Maslow também sugere algumas pré-condições para que tais necessidades sejam satisfeitas. Partindo destas considerações, foram identificados os 24 valores básicos, os quais são terminais por natureza; estes expressam princípios-guia, sendo vistos como substantivos (Rohan, 2000; Rokeach, 1973). Servem de categorias transcendentais que guiam as atitudes, as crenças e os comportamentos em situações específicas. Estes 24 valores dão origem a um sistema de valor, apresentando três critérios de orientação, sendo cada um subdividido em duas funções psicossociais, originando um conjunto de seis funções, como segue:

**Valores Pessoais.** As pessoas que normalmente assumem estes valores mantêm relações pessoais contratuais, geralmente procurando obter vantagens/lucros. A pessoa prioriza seus próprios interesses e concedem benefícios sem ter em conta uma referência particular (papel ou estado). Para Rokeach (1973) estes valores são vistos como tendo um foco intrapessoal. Em Schwartz (1994) tais valores atendem a interesses individuais. Considerando a sua função psicossocial, estes podem ser divididos em:

(1) Valores de Experimentação: descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual são aspectos centrais destes valores (emoção, estimulação, prazer e sexual); e (2) Valores de Realização: além da experimentação de novos estímulos, faz parte do universo desejável dos seres o autocumprimento, o sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprios (autodireção, êxito, poder, prestígio e privacidade).

**Valores Centrais.** A expressão “valores centrais” é usada para indicar o caráter central ou adjacente destes valores; eles figuram entre e são compatíveis com os valores pessoais e sociais, estes tratados a seguir. Em termos da tipologia de Schwartz (1990, 1994), tais valores servem a interesses mistos (individuais e coletivos). Considerando a sua função psicossocial, os valores centrais podem ser divididos em dois grupos de valores: (1) Valores de Existência: interessa garantir a própria existência orgânica (estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde). A ênfase não está na individualidade pessoal, mas na existência do indivíduo. Assim, valores de existência não são incompatíveis com valores pessoais e sociais, eles são importantes para pessoas, principalmente em ambientes de escassez econômica, mas sem colocar em risco a harmonia social; e (2) Valores Suprapessoais. Pessoas que assumem estes valores tentam atingir seus objetivos independentemente do grupo ou condição social. Tais valores descrevem alguém que é maduro, com preocupações menos materiais, não sendo limitados a características descritivas ou específicas para iniciar uma relação ou promover benefícios (beleza, justiça social, maturidade e sabedoria). Estes valores enfatizam a importância de todas as pessoas, não exclusivamente dos indivíduos que compõem o *in-group*, portanto, são compatíveis com valores pessoais e sociais. Embora Rokeach (1979) use a expressão valores supraindividuais, ele não se refere ao mesmo conteúdo aqui abordado. Espera-se que os tipos motivacionais segurança e universalismo, propostos por Schwartz (1992), correlacionem-se com as funções psicossociais existência e suprapessoal, respectivamente.

**Valores Sociais.** As pessoas que assumem estes valores estão direcionadas para estarem com os outros. No estudo de Rokeach (1973), correspondem a valores de foco interpersonal, e em Schwartz (1994) estão incluídos entre os valores relacionados com os interesses coletivos. Tais valores são assumidos por indivíduos que se comportam como alguém que gosta de ser considerado; que deseja ser aceito e integrado no grupo de pertença ou que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico. Considerando sua função psicossocial, estes

podem ser divididos em: (1) Valores Normativos: enfatizam a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos, a ordem é apreciada mais que tudo (obediência, ordem social, religiosidade e tradição); e (2) Valores de Interação: estes focalizam o destino comum e a complacência, especificamente, a pessoa que o assume tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida social ativa (afetividade, apoio social, convivência e honestidade).

Considerando essa tipologia, recentemente, Formiga, Gouveia e Santos (2002; Formiga; Vitório; Miranda; Moura; Araújo e Lima, 2005) realizaram um estudo pioneiro no Brasil onde avaliaram a relação entre as variáveis dos valores humanos e sexismo ambivalente. Segundo esses autores, um conjunto de valores que formam o critério de orientação valorativa pessoal (a qual diz respeito às relações pessoais contratuais, visando obter vantagens/lucros, tendo seus próprios interesses como mais importantes) explicou tanto sexismo hostil quanto o benévolo; já o critério social (refere-se às pessoas que estão direcionadas a estarem com os outros, focalizando os interesses coletivos, respeito as tradições e normas sociais) correlacionou-se apenas com o benévolo. A título de resumo, os valores que visam um individualismo foram capazes de explicar ambas as formas do preconceito, já os que apontam para uma orientação social, salientou uma relação apenas com a discriminação sutil.

Apesar de considerar a validade do estudo citado revelando sua manutenção correlacional em outros estudos no País (Formiga et al., 2005), vê-se limites referido ao cálculo de correlação, para tanto, no presente estudo efetuou-se uma análise de regressão. Esta possibilita indicadores que garantem uma filtragem e consistência preditiva das variáveis que visam à construção de um modelo teórico mais consistente.

Assim, levanta-se uma hipótese: existe uma base normativa na organização dessas atitudes discriminatórias? Elas se manifestam de forma direta ou indireta, as quais, por um lado, estariam embasadas em orientações valorativas pessoais e individuais, por outro, sustentariam o estabelecimento das normas sociais e relações grupais – a partir das orientações valorativas sociais. É possível que a orientação valorativa que cada pessoa tenha, prediga o estabelecimento e manutenção do preconceito sutil e hostil frente as mulheres.

## MÉTODO

### Amostra

950 sujeitos compuseram o presente estudo, os quais foram distribuídos da seguinte forma: 515 entre o

nível escolar fundamental, médio e universitário, todos da rede privada e pública da cidade de João Pessoa – PB no Brasil e 435 entre os transeuntes na mesma cidade. Os sujeitos foram de ambos os gêneros, com idade que variava de 18 a 60 anos, tendo uma predominância de mulheres (68%), sendo que, aproximadamente, 52% eram solteiros. Esta amostra foi intencional, pois, eram consideradas as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar respondendo o questionário que era apresentado nas salas de aulas e nas ruas da cidade.

### Instrumentos

Os participantes responderam os seguintes questionários:

– *Inventário de Sexismo Ambivalente – ISA*. Elaborado originalmente em língua inglesa (Glick e Fiske, 1996), o instrumento é composto por 22 itens que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero a respeito de duas dimensões do sexismo: hostil (por exemplo, as mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; a maioria das mulheres não apreciam completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benévolo (por exemplo, as mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Para respondê-lo, a pessoa deveria ler cada item e indicar o quanto está de acordo com o conteúdo expresso, para isso, numa escala de quatro pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos 1 = Discordo Totalmente e 4 = Concordo Totalmente ele deveria indicar a resposta. Esta versão foi traduzida ao português por um psicólogo bilíngue e avaliada por um outro da mesma categoria que a comparou com uma versão espanhola (Expósito, Moya e Glick, 1998). Assim feito, procedeu-se à validação semântica do *ISA a partir de* uma amostra de 20 sujeitos da população meta. Esta assegurou que tanto os itens como as instruções do instrumento eram compreensíveis, passando-se a aplicar, então, a versão final. A partir de uma análise fatorial confirmatória, o inventário apresentou parâmetros psicométricos aceitáveis para a população brasileira com os seguintes indicadores de bondade de ajuste:  $GFI=0,77$  e  $AGFI=0,72$ ;  $\chi^2/g.l.=3,18$ ;  $RMSR=0,10$  (Formiga, Gouveia e Santos, 2002). Este inventário foi comprovado em estudos posteriores, o qual manteve tanto a relação item-componente quanto semelhantes indicadores psicométricos para sua consistência interna (Formiga, 2005; Formiga, Araújo e Cavalcante, 2007).

– *Questionário dos Valores Básicos – QVB*. Uma versão inicial foi proposta em espanhol e português, compreendendo então 66 itens, três por cada um dos valores básicos que avaliava (Gouveia, 1998). Utilizou-se uma versão modificada, cuja comprovação, a partir

de uma análise fatorial confirmatória, apresentou parâmetros psicométricos aceitáveis na população estudada, tendo os seguintes indicadores de bondade de ajuste:  $\chi^2/df=3,02$ , GFI=0,91, AGFI=0,89 e RMSR = 0,07 (Maia, 2000). Formado por 24 itens-valores, com etiquetas que ajudam a entender o seu conteúdo (por exemplo, Tradição – seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade; Êxito – obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz; Justiça Social – lutar por menor diferença entre pobres e ricos; permitir que cada indivíduo seja tratado como alguém valioso); para respondê-los, a pessoa deveria avaliar o seu grau de importância como um princípio-guia na sua vida e indicar sua resposta numa escala de sete pontos, com extremos 1=Nada Importante a 7=Muito Importante. No final precisava, indicar o valor menos e o mais importante de todos, os quais receberiam pontuações 0 e 8, respectivamente.

– *Caracterização Sociodemográfica* – Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sociodemográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, etc.).

### Procedimento

Procurou-se definir os seguintes procedimentos quanto à aplicação tanto do *ISA* (Inventário de Sexismo Ambivalente) quanto *QVB* (Questionário de Valore Básicos): 1 – nas instituições de ensino, estes instrumentos eram aplicados coletivamente em sala de aula quando em visita às instituições públicas e privadas. Nesta etapa, um único pesquisador ficou responsável pela coleta dos dados e após conseguir a autorização da coordenação dos cursos e professor responsável pela disciplina, este se apresentava em sala de aula como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem um questionário breve. 2 – Em outra etapa, no que diz respeito à aplicação nas ruas das cidades, a aplicação era conduzida após conseguir a permissão dos transeuntes quando abordados, o aplicador se apresentava, também, como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos mesmos no sentido de responderem um questionário apresentado.

A todos e todas era dito que não havia resposta certa ou errada, e que respondessem individualmente e que assegurava o anonimato das suas respostas, bem como que elas seriam tratadas em seu conjunto não podendo identificar, especificamente, o respondente isoladamente. Apesar do questionário ser autoaplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, um pesquisador devidamente treinado

esteve presente durante toda a aplicação para esclarecer eventuais dúvidas que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

### Tabulação e Análise dos Dados

O pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes ao coeficiente de correlação  $r$  de Pearson e análise de regressão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos resultados encontrados no estudo de Formiga, Gouveia e Santos (2002) quanto à interdependência entre os tipos de sexismo – o hostil e o benévolo – procurou-se avaliar a partir de uma correlação de Pearson ( $r$ ) a permanência desses resultados. Observou-se uma relação direta e significativa para a amostra de estudantes entre o sexismo benévolo e hostil,  $r=0,35$ , estes com o sexismo ambivalente, respectivamente,  $r=0,81$  e  $0,84$ ; o mesmo ocorreu para a amostra da população geral, na qual o sexismo benévolo correlacionou-se com o hostil,  $r=0,32$ , bem como estes com o ambivalente,  $r=0,78$  e  $0,82$ . Como dado adicional, procurou-se observar também as correlações para a amostra total – estudantes e população geral – o que seguiu a mesma direção correlacional das encontradas nas outras amostras: sexismo benévolo e hostil,  $r=0,32$ , e estes correlacionado com o sexismo ambivalente,  $r=0,86$  e  $0,82$ .

Assim, esses resultados mantiveram semelhante configuração em relação ao estudo de Formiga e cols. (2002; Formiga e cols., 2005). O próximo passo tratou-se de atender o objetivo principal do presente estudo, o qual corresponde à avaliação preditiva, a partir da análise de regressão, entre valores humanos e sexismo ambivalente. Vale destacar que a correlação e regressão parecem ser cálculos iguais, porém, a referida estatística utilizada no presente estudo – a análise de regressão – possibilita indicadores que garante uma filtragem e consistência preditiva das variáveis capazes de construir um modelo teórico mais consistente (Bisquerra, 1989; Kerlinger, 1980). Assim, uma vez que existiam razões teóricas para esperar a contribuição dos valores como explicação sobre essas condutas, adotou-se como método de regressão o *enter*.

Desta forma, através da análise de regressão ( $\beta$ ) entre as funções psicossociais e as dimensões do sexismo ambivalente – benévolo e hostil – para as amostras de estudantes e da população geral, foram observados os seguintes resultados (ver Tabela 1):

– na amostra de estudantes, tendo como preditores do *sexismo benévolo* as funções psicossociais dos valores humanos, a função *normativa* (ênfata a vida social, a estabilidade do grupo, etc.), bem como para a função *interacional* (focaliza o destino comum, a complacência, interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, apreciar uma vida social) e *realização* (sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprio) apresentaram betas regressivos positivos (respectivamente,  $\beta=0,15$ ;  $\beta=0,10$  e  $\beta=0,14$ ); já a função *suprapessoal* (buscam atingir seus objetivos independentemente do grupo ou condição social, bem como, descrevem alguém maduro, com preocupações menos materiais) predisse negativamente ( $\beta=-0,12$ ), ( $F[6/505]=22,57$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,10$ ); quanto ao *sexismo hostil*, a função de *experimentação* (descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, procurar satisfação sexual) e de *realização* predisseram esse tipo de sexismo com beta regressivos positivos (respectivamente,  $\beta=0,16$  e  $\beta=0,11$ ), porém, no que diz respeito à função *normativa* e *interacional*, estas predisseram negativamente esse tipo de sexismo, tendo seus respectivos betas,  $\beta=-0,13$  e  $\beta=-0,11$ ) ( $F[6/505]=17,71$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,05$ ). Na amostra da população geral, tendo também

como preditores do *sexismo benévolo* as funções psicossociais dos valores humanos, a função *normativa*, *interacional* e *realização*, também apresentaram betas positivos (respectivamente,  $\beta=0,17$ ;  $\beta=0,13$  e  $\beta=0,15$ ); por outro lado, a função *suprapessoal* predisse negativamente ( $\beta=-0,11$ ), ( $F[6/426]=18,29$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,11$ ); quanto ao *sexismo hostil*, a função de *experimentação* e de *realização* predisseram esse tipo de sexismo com beta regressivos positivos (respectivamente,  $\beta=0,13$  e  $\beta=0,18$ ), enquanto a função *normativa* e *interacional* predisse negativamente, tendo seus respectivos betas,  $\beta=-0,10$  e  $\beta=-0,10$ , ( $F[6/430]=21,14$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,07$ ). Um dado adicional pode ser observado em relação ao *sexismo ambivalente* (somatório total dos 22 itens do inventário de sexismo), proposto assim justamente por não serem formas diretas de preconceito, as quais, quando considerada na prática e expressão discriminatória tradicional, se apresentam em suas formas sutil, hostil e benévola; assim, as funções valorativas, *normativo* e *realização*, predisseram essa variável positivamente, ao passo que a função *suprapessoal*, negativamente, tendo os respectivos betas ( $\beta=0,16$  e  $\beta=0,20$  e  $\beta=-0,11$ ) ( $F[6/416]=15,58$ ;  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,09$ ).

TABELA 1  
Análise de Regressão do sexismo ambivalente, tendo como predictoras as funções psicossociais dos valores humanos.

Sexismo	Predictoras	$\beta$			t		
		N <sub>estudantes</sub>	N <sub>população</sub>	N <sub>total</sub>	N <sub>estudantes</sub>	N <sub>população</sub>	N <sub>total</sub>
Benévolo	Normativo	<b>0,15*</b>	<b>0,17*</b>	<b>0,17</b>	4,03*	3,98*	4,07*
	Realização	<b>0,14*</b>	<b>0,15*</b>	<b>0,17</b>	4,75*	4,36*	4,49*
	Interacional	<b>0,10*</b>	<b>0,13*</b>	<b>0,12</b>	3,01*	2,89*	2,91*
	Suprapessoal	<b>-0,12*</b>	<b>-0,11*</b>	<b>-0,11</b>	-2,94*	3,06*	-2,99*
	Existência	0,01	0,01	0,02	0,72	0,91	0,64
	Experimentação	0,01	0,03	0,01	0,09	0,13	0,11
Hostil	Realização	<b>0,16*</b>	<b>0,18*</b>	<b>0,16</b>	4,29*	4,75*	4,16*
	Experimentação	<b>0,11*</b>	<b>0,13*</b>	<b>0,11</b>	2,89*	3,03*	2,76*
	Suprapessoal	0,04	0,03	0,06	-1,92	-2,02	-1,86
	Interacional	<b>-0,13*</b>	<b>-0,12*</b>	<b>-0,10</b>	-2,14*	-2,37*	-2,05*
	Normativo	<b>-0,11*</b>	<b>-0,10*</b>	<b>-0,10</b>	2,23*	2,07*	2,30*
	Existência	0,01	0,01	0,01	0,52	0,43	0,40
Ambivalente	Realização	<b>0,23*</b>	<b>0,21*</b>	<b>0,23</b>	5,17*	4,87*	5,26*
	Normativo	<b>0,14*</b>	<b>0,17*</b>	<b>0,14</b>	3,91*	4,03*	3,80*
	Suprapessoal	<b>-0,11*</b>	<b>-0,10*</b>	<b>-0,14</b>	-2,72*	-3,07	-2,84*
	Experimentação	0,04	0,03	0,04	1,65	1,88	1,70
	Existência	0,01	0,01	0,01	0,53	0,76	0,60
	Interacional	0,01	0,01	0,01	0,34	0,61	0,21

\*  $p<0,01$ ; Método *Enter*; # Somatório total dos 22 itens do inventário de sexismo.  
N<sub>total</sub>=950 sujeitos; N<sub>estudantes</sub>=515 sujeitos; N<sub>população geral</sub>=435 sujeitos.

– em relação à amostra total (somatório de ambas as amostras), procurou-se avaliar a relação entre essas variáveis. Assim, seguindo semelhante direção metodológica e estatística, observou-se que os preditores do *sexismo benévolo* foram as seguintes funções psicossociais dos valores humanos: a função *normativa*, *interacional* e *realização*, as quais apresentaram, também, betas positivos (respectivamente,  $\beta=0,17$ ;  $\beta=0,13$  e  $\beta=0,17$ ); quanto à função *suprapessoal*, esta predisse negativamente ( $\beta=-0,11$ ) ( $F[6/942]=21,07$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,11$ ) o *sexismo benévolo*. Em relação ao *sexismo hostil*, a função de *experimentação* e de *realização* apresentou para esse tipo de *sexismo* betas regressivos positivos (respectivamente,  $\beta=0,11$  e  $\beta=0,16$ ), a função *normativa* e *interacional* predisse negativamente, tendo os seguintes betas,  $\beta=-0,10$  e  $\beta=-0,10$  ( $F[6/951]=18,24$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,09$ ).

Considerando o modelo teórico dos valores humanos das funções psicossociais, originam-se três critérios de orientação valorativa: *pessoal*, *social* e *central* (Gouveia, 1998). Ainda considerando a análise de regressão, procurou-se avaliar o quanto as orientações valorativas são capazes de prever ambos os tipos de *sexismo*; com isso, no que diz respeito ao *sexismo benévolo*, para a amostra de estudantes, foram obtidos os seguintes resultados (ver Tabela 2): a orientação valorativa *social* (valores correspondidos a um foco interpessoal, relacionados com os interesses coletivos) predisse, positivamente, ( $\beta=0,20$ ) esse tipo de *sexismo*, enquanto a orientação *pessoal* (valores que mantêm relações pessoais contratuais, procurando obter vantagens/lucros e priorizando seus

próprios interesses) o fez negativamente, ( $\beta=-0,14$ ) ( $F[3/507]=42,07$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,08$ ); ainda para a amostra dos estudantes, em relação ao *sexismo hostil*, apenas a orientação *pessoal* foi capaz de prever, positivamente, esse tipo de discriminação ( $\beta=0,22$ ) ( $F[3/510]=20,05$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,06$ ). Considerando, a forma ambivalente do *sexismo* (somatório total dos 22 itens do inventário de *sexismo*), observou-se que as orientações *pessoal* e *social* foram capazes de predizê-lo positivamente (respectivamente,  $\beta=0,23$  e  $\beta=0,16$ ).

Para a amostra da população geral, o *sexismo benévolo* foi capaz de ser predito positivamente, pela orientação valorativa *social* ( $\beta=0,26$ ), enquanto a orientação *pessoal* predisse negativamente, ( $\beta=-0,17$ ) ( $F[3/420]=29,15$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,07$ ); na mesma amostra, o *sexismo hostil* foi predito positivamente apenas pela orientação *pessoal* ( $\beta=0,20$ ) ( $F[3/431]=15,57$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,09$ ). Por fim, considerando a forma ambivalente do *sexismo* (somatório total dos 22 itens do inventário de *sexismo*), observou-se que as orientações *pessoal* e *social* foram capazes de predizê-lo positivamente (respectivamente,  $\beta=0,23$  e  $\beta=0,16$ ) ( $F[3/430]=21,95$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2_{ajustado}=0,10$ ).

A partir desses resultados é preciso destacar a existência de que o estudo pioneiro desenvolvido por Formiga, Gouveia e Santos (2002) no Brasil o qual tratou das mesmas variáveis, porém avaliando a partir de um estudo correlacional; considerando o presente estudo, este, corroborou tanto em relação as funções psicossociais (Valores de Experimentação, Realização, Existência, Suprapessoais, Normativos e Interação) quanto aos critérios de orientação valorativa (Valores Pessoais, Centrais e Sociais).

TABELA 2  
Análise Regressão para o *sexismo* ambivalente, tendo como predictoras os critérios de orientação valorativa.

Sexismo	Predictoras	$\beta$			t		
		$N_{estudantes}$	$N_{população}$	$N_{total}$	$N_{estudantes}$	$N_{população}$	$N_{total}$
Benévolo	Social	0,20*	0,26*	0,24*	<b>6,30*</b>	<b>6,78*</b>	<b>5,80*</b>
	Pessoal	<b>0,14*</b>	<b>0,17*</b>	<b>0,12*</b>	3,34*	4,13*	3,25*
	Central	<b>-0,01</b>	<b>-0,05</b>	<b>-0,03</b>	<b>-0,65</b>	<b>-0,53</b>	<b>-0,72</b>
Hostil	Pessoal	<b>0,22*</b>	<b>0,20*</b>	<b>0,20*</b>	5,21*	4,92*	5,13*
	Social	0,02	0,02	0,01	0,25	0,20	0,19
	Central	-0,01	-0,01	-0,02	-0,44	-0,40	-0,38
Ambivalente <sup>#</sup>	Pessoal	<b>0,23*</b>	<b>0,20*</b>	<b>0,19*</b>	5,14*	5,06*	5,06*
	Social	<b>0,16*</b>	<b>0,18*</b>	<b>0,14*</b>	3,61*	4,03*	4,03*
	Central	-0,02	-0,03	-0,03	-0,63	-0,43	-0,43

\*  $p<0,01$ ; Método *Enter*; <sup>#</sup> Somatório total dos 22 itens do inventário de *sexismo*.  
 $N_{total}=950$  sujeitos;  $N_{estudantes}=515$  sujeitos;  $N_{população}=435$  sujeitos.

Sendo assim, em relação aos resultados encontrados no presente estudo, reflete-se na seguinte direção: o sujeito que apresenta adesão a um conjunto de valores que origine a função de *experimentação*, possivelmente poderá ser capaz de manifestar o sexismo hostil; por outro lado, a função valorativa de *realização* não somente poderá influenciar o sujeito ao sexismo *tradicional ou hostil*, mas também ao sexismo *benévolo*, aquele preconceito mais sutil ou camuflado.

Outra análise a partir desses resultados pode revelar que o fenômeno do sexismo não é representado unicamente como tradicional. Mas, a partir de uma representação especular das relações intergrupais entre homens e mulheres é possível observar que as funções normativas e interacionais destacadas na Tabela 1 – isto é, aquelas funções que buscam a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais, bem como os que focalizam o destino comum e a complacência, o interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida social ativa – predisseram o sexismo benévolo ou sutil.

Esse tipo de sexismo – o benévolo ou sutil – ao ser explicado a partir dessas funções valorativas, permite compreender que a pessoa que adere a esses valores seria capaz de produzir um discurso conformista em relação à dinâmica social considerando-a como inalterável, sendo assim, não lutar contra e aceitar, bem como, na maioria das vezes, se engajar na dinâmica social de que qualquer forma de achincalho ou chacotas em relação as mulheres não teria nada com a pessoa ser preconceituosa, e sim, tratar-se-ia apenas de uma brincadeira e que a pessoa que manifestasse a indignação quanto a esse fato seria exagerada e ‘neurótica’ quanto a situação considerada preconceito. Na minha perspectiva, é por causa dessa dinâmica que a cada dia é possível encontrar uma diversidade práticas sutis preconceituosas frente as mulheres.

Desta maneira, o novo sexismo – o benévolo ou sutil – surge na sociedade discretamente nas relações intergrupais, salientando a sua não existência e tendo uma característica de conformidade positiva e com excessiva simpatia, isto é, pode-se a ele assumir um discurso de que “*não estar me incomodando, não vejo problema nisso*”. Tanto se discrimina a partir de uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, quanto pela expressão direta do preconceito feminino (Formiga, Yepes, Alves, Ayroza, Teixeira e Curado, 2004; Formiga, Vasconcelos, Joca e Saraiva, 2005). Essas funções psicossociais, destacadas na Tabela 1, revelam com respeito ao sujeito que, nas suas relações sociais, se orientam a partir de uma conduta individualista ou coletivista, as quais, de uma forma ou de outra, são capazes de explicar o preconceito

feminino. Esse fato é possível ser observado na Tabela 2, o critério pessoal, composto pela função de experimentação e realização, salienta o sujeito que se orienta por um conjunto de valores capazes de manter as relações pessoais contratuais, procurando obter vantagens/lucros, bem como priorizar seus próprios interesses e sua intrapessoalidade (Rokeach, 1973; Schwartz, 1994) tendo probabilidade em apresentar ambos os tipos de sexismo; não se trata apenas de uma referência individual, mas também, estabilizada na orientação social.

Por outro lado, aderir à uma orientação social (a qual diz respeito às pessoas direcionadas para estarem com os outros, focalizando a interpessoalidade e o interesse coletivo) é capaz de contribuir para a manutenção de atitudes discretas e sutis do sexismo e suas variações. Afinal, o preconceito frente às mulheres, por ser atualmente tão deflagrado, não pode mais ser direto, aparecendo a partir de brincadeiras (achincalho, humor, etc.) ásperas, concebidas, no entanto, como pouco ofensivo (Thomas e Esses, 2004). Essas práticas ocorrem sob uma espécie de sexismo institucionalizado ou conformismo normativo (Aronson, Wilson e Akert, 2002).

A discriminação parece atender aos objetivos implícitos da sociedade os quais visam a harmonia e tolerância entre as pessoas e suas diferenças, principalmente, quando há uma mudança e êxito da mulher em qualquer esfera social, justificando uma meritocracia. Essa condição visa atender às expectativas propostas pela sociedade (Fiúza, 2001) de uma luta e expressividade quanto à não discriminação, as quais são capazes de filtrar condições mais diretas relacionando um processo mais depurado do preconceito (Camino, Silva e Machado, 2003) e gerando a construção de normas sociais concordantes na interação social.

Esses resultados, mesmo com seus limites, parecem denunciar o quanto a sociedade está impregnada de ideologias que guiam e justificam as condutas do indivíduo, fazendo-as “comuns” e embasadas em práticas que geralmente são adotadas através de esquemas psicológicos e ideológicos que refletem comportamentos à respeito da formação discriminatória de papéis sexuais (Paez, Torres e Echebarría, 1990) socialmente aceitos. Na maioria das vezes, essa formação, justificando-a como valores de uma sociedade ou grupo “impossível” de ser alterado, faz com que a pessoa se conforme conduzindo outras pessoas, socio-cognitivamente, a perceber que as formas educativas e cavalheirescas frente a mulheres escondem a verdadeira face do outro lado do preconceito, a sua discríção sutil manifesta.

A aparição do sexismo, tanto benévolo quanto hostil, é sem dúvida um problema no âmbito da pretendida

relação de igualdade e de justiça social, bem como de sua manifestação evidente das específicas orientações valorativas das pessoas. Esse fato revela não uma diminuição ou rejeição desse fenômeno (Formiga; Gouveia e Santos, 2001), mas que sua manifestação flutua numa base normativa da conduta preconceituosa (Formiga, 2004).

Sendo assim, seria possível identificar um caminho para amenizar atitudes preconceituosas, consecutivamente, seus fenômenos mais graves gerado pelo preconceito, por exemplo, a violência feminina, principalmente, ao considerar como e quais valores as pessoas passam a orientar suas condutas sociais. Espera-se que os objetivos do estudo tenham sido cumpridos, pois foi observado que tanto os valores que apontam para uma orientação pessoal quanto social, podem explicar o sexismo. Não somente o sujeito que visa os próprios interesses, mas também, o que se preocupa com as tradições contribui para a manutenção desse fenômeno.

## REFERÊNCIAS

- Allport, G. W. (1954). *The nature prejudice*. Reading, MA: Adison-Wesley Publishing Company.
- Aronson, E., Timothy, W. D., & Robin, A. M. (2002). *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: LTC.
- Bisquerra, R. (1989). *Introducción conceptual al análisis multi-variable. Un enfoque informático con los paquetes SPSS-X, BMDP, LISREL y SPAD*. Barcelona: PPU – Promociones y Publicaciones Universitarias.
- Camino, L., Silva, P., & Machado, A. O. (2003). Novas formas de preconceito racial: racismo sutil ou mascarado. In *III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica. João Pessoa, PB, 27-31 de maio. (Vol. 1, p. 236).
- Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, 13, 159-169.
- Fiúza, A. L. C. (2001). Mulheres nas políticas de desenvolvimento sustentável. In C. Bruschini, & C. R. Pinto (Org.). *Tempos e lugares de gênero* (pp. 87-118). São Paulo: FCC/Editora 34.
- Formiga, N. S. (2004). As bases normativas do sexismo ambivalente: A sutileza do preconceito frente as mulheres à luz dos valores humanos básicos. In Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 259-276). Salvador: Editora UFBA.
- Formiga, N. S. (2005). Estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente a partir da análise dos eixos principais. *Psicólogo Informação*, 9, 9, 9-28.
- Formiga, N. S., Araujo, T. T. V., & Cavalcante, C. P. S. (2007). A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: Um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 7, 1, 56-67.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Revista Psicologia em Estudo*, 7, 1, 105-111.
- Formiga, N. S., Vasconcelos, T. C., Joca, E. C., & Saraiva, C. P. (2005). As atitudes frente aos grupos minoritários: Um estudo em termos das formas sutis do preconceito. *Revista Barbarói*, 22/23, 1, 107-127.
- Formiga, N. S., Vítório, D. M., Miranda, M. M., Moura, G. B., Araújo, J. A. G., & Lima, C. N. (2005). Variações normativas na explicação do sexismo ambivalente: Explicando o sexismo hostil e benévolo baseados nos valores humanos. [Online] *Revista Eletrônica de Psicologia*, 1-14. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>
- Formiga, N. S., Yepes, C. F., Alves, I., Ayroza, I., Teixeira, J., & Curado, F. (2004). Flagrando o preconceito: Uma análise descritiva das atitudes preconceituosas frente aos negros, mulheres e homossexuais. In: *Anais do XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*. Formação do psicólogo brasileiro: História de desafios e conquistas. Ribeirão Preto, SP, 26 a 29 de Outubro. [Resumo eletrônico].
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-521.
- Gouveia, V. V., Silva, R., & Belo, R. P. (2003). Sexismo ambivalente e valores humanos. In *III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica. João Pessoa, PB, 27-31 de maio. (Vol. 1, pp. 242-243).
- Gouveia, V.V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gusmão, E. E. S., Jesus, G. R., Gouveia, V. V., Júnior, J. N., & Queiroga, F. (2001). Interdependência social e orientações valorativas em adolescentes. *Revista Psico*, 32, 23-37.
- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EPU.
- Maia, L. M. V. (2000). *Prioridades valorativas e desenvolvimento moral: Considerações acerca de uma teoria dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Monte, D. F. C. (2001). *Aspectos do preconceito étnico em relação ao negro: Um estudo empírico no setor supermercadista de João Pessoa – PB*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Myers, D. G. (1999). Preconceito: O ódio ao próximo. In *Psicologia social* (pp. 181-206). Rio de Janeiro: LTC.
- Páez, D., Torres, B., & Echebarria, A. (1990). Esquema de si, representación social y estereotipo sexual. In G. Musitu (Org.). *Procesos psicossociales básicos* (pp. 229-234). Barcelona: PPU.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rokeach, M. (1979). Introduction. In M. Rokeach (Ed.). *Understanding human values: Individual and societal* (pp. 1-11). New York: The Free Press.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Siano, J. A. (2000). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. São Paulo: Editora Rideel.
- Swin, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.

- Tamayo, A. (1988). Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 40, 91-104.
- Thomas, C. A., & Esses, V. M. (2004). Individual differences in reactions to sexist humor. *Group Processes & Intergroup Relations*, 7, 1, 89-100.
- Torres, R. R. (1998). La influencia de la inducción afectiva sobre el prejuicio racial. *Revista de Psicología Social*, 2, 13, 279-289.
- Tougas, F., Brown, R., Beaton, A. N., & Joly, S. (1995). Neosexism: Plus ça change, plus c'est pareil. *Personality and Social Psychology Behavior*, 21, 8, 842-849.

Recebido em: 30/08/2008. Aceito em: 30/04/2009.

**Autores:**

Nilton Soares Formiga – Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente, é doutorando na mesma universidade, Campus I.  
Alzira Barros da Silva Neta – Aluna do curso de Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande.

**Enviar correspondência para:**

Nilton Soares Formiga  
Rua Juiz Ovideu Gouveia, 185 – Pedro Gondim  
CEP 58031-030, João Pessoa, PB, Brasil  
E-mail: nsformiga@yahoo.com